

Tradução e comentário do Canto IX de *Abqar*, de Chafic Maluf

Michel Sleiman¹

Revolta das Putas

(Canto IX de *Abqar*, de Chafic Maluf)

Na mata das huris

Mata de ninhos cujas fibras exalam
almíscar, eu percebo, e outros aromas!
Ninhos adensados, forrados de huris
de corpo nu e cabeleira desgrenhada,
que fogem de mim quando me avistam, como
foge surpreendido o pássaro em seu ninho.
Vão-se mas, ao se irem, piscam-me os seus olhos
e nisso as sei moças da libertinagem.
Espectros, meu Deus!, que enterraram o amor,
mas se negaram à escuridão das tumbas.
As taças reluzentes que levam nas
mãos são de ontem e agora vão sem vinho.
Os seios (são tão brancos!) chumaços de
nuvens são que terão colado no peito?
E esses pontos entre eles, avermelhados,
são restos da luz que brilhou na aurora ou
manchas que aí estão desde os beijos de amor,
nas quais ainda ardem os lábios em brasa?

Revolta no inferno

Então meu demo me diz: "Aquele que
dispôs a balança, mirando à justiça,
arrojou ao fogo as moças do prazer
e as condenou às mais baixas vis torpezas.
Revoltadas, elas se ergueram em corpo
unido de chamas e urros de trovão

¹ Professor de Literatura e Língua Árabe na Universidade de São Paulo e do PPG Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA). Organizou e traduziu ao português a antologia *Poemas/Adonis* (Companhia das Letras, 2012) e o livro *Ode à errância* (Tabla, 2024) que reúne três poemários de Adonis: *Concerto de Alquds* (2013), *Zócalo* (2014) e *Osmanthus* (2020). E-mail: msleiman@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6050-6682>.

que até Gabriel, ao menear a espada,
delas ouve só agudas gargalhadas,
e o mesmo Iblis, se com serpes as ameaça,
elas tornam as serpes em dóceis servas.
E lançam-se, imparáveis, metal em bra-
sa sob os pés, até as lavas dos vulcões
e à boca levam brasas em torrões que
mascam e lançam depois contra os demônios.
E assim atormentam o povo do fogo
a ponto de implorar à porta de Deus.
Deus então as jogou nas matas de Abqar,
para tribulação do povo abqarita”.

Hino das putas

Nós as borboletas, filhas da manhã,
mal a manhã dá seu primeiro respiro
vem-nos estendida em forma de uma taça
à que acessamos na garupa dos ventos.

Gotas, só, nos bastam na taça da aurora.
E quando aspiramos perfumado aroma
caímos a encobrir vales e colinas,
borrifando orvalho nas flores sedentas.

Que verde o que leva o verde a todo vale
e adorna com as flores as pradarias!
Nada, entanto, é mais belo que as borboletas
deitadas por cima do peito das flores.

E quando o sol assoma em seu palanquim
nada, de alto a baixo, se vê a não ser o
vento, por todo canto, de asas abertas,
nelas a tremerem as flores do campo.

Dos tempos do prazer findou a metade,
quando nosso peito era mais travesseiro
e nossos lábios outros lábios beiravam,
tremidos da primeira à última gota.

Como o bebedor de vinho que do vinho
se aproxima movido pelo prazer
de bebê-lo, assim é o ir-e-vir das taças
antes que ele sorva o que elas têm contido.

Rutilo retinham as nossas pupilas,

mas chegou a noite e fulminou seu brilho.

No mais, deixamos o corpo delicado
ser pisoteado por nossos amantes.

Que importam as folhas que secaram se
quem nos fez brotar o mesmo ramo, o Deus,
ele mesmo é quem volta a secá-lo agora?

Foram-se os festeiros, e foram-se as festas
cobertas pela morte, esse véu que engana.

Ainda o nosso alento rescende dentro
da taça, em cacos, em que bebemos antes.

Se os amigos de festa se dispersaram
e se as taças se quebraram, o que importa a-
final se a taça, amigo, já foi bebida?

Desde que nos criou com dois olhos, Deus
nos dotou, ademais, de um olhar errante
e um desejo ardente, intenso e insistente
em suaves feições que conclamam ao beijo...

Pois quem de nós agora obedece a ele
se ele nos jogou em plena tempestade,
pondo em nossos nervos uns tremores tais
a que o corpo se entrega, todo, tão frágil?

Contra ele nos revoltamos, por injusto,
e não toleramos sua iniquidade.

Diante de nós, pleno o mundo de prazeres.
Atrás de Deus, amontoado o sofrimento.

Deus nos ditou que aferremo-nos ao laço
do eterno tributo do servo ao senhor.

É de Deus a culpa por nos ter criado
e agora nos castiga por sua culpa.

* * *

Dispersaram-se as moças do despudor,
o olho arregalado a fitar o terror:
do céu despencavam
em cima da mata

pássaros horrendos
 como o pior castigo,
 como a morte abruptos,
 a cabeça, um dardo
 e as plumas, facas...

Poder encolhido, refugiaram-se as
 belas em seus ninhos.
 Com um e outro galho
 taparam seu sítio,
 tirando-o da vista.
 Mas ao cobrir o ninho, o galho tremia
 a folha seca, amarela: é o calafrio.
 É o estado atual das moças da paixão.

Comentário

Nascido em 1905, em Zahle, na província libanesa de Biqaa, situada a meio caminho entre Beirute e Damasco, e morto em 1976 na capital paulista, para onde emigrou com a família no começo dos anos 1920, o poeta Chafic Maluf tem reconhecidamente em sua obra-prima *Abqar* uma das criações cimeiras da literatura escrita no Mahjar (المهجر), espaço da imigração assim denominado pelos cidadãos autointitulados árabes dispersos a oeste, desde a virada do século XX, incluído o Brasil.

De *Abqar*

Na edição completa de 1949 (a primeira, menor, é de 1936), *Abqar* é um livro composto por doze sessões, denominadas cada qual “Canto” (*nachid* نشيد) e agrupadas por poemas em torno de um tema diferente. São efetivamente conjuntos de cantares líricos, em sua maioria do tipo narrativo, que contam a jornada onírica, muito embora realizada à primeira luz da manhã, de um poeta que apenas desperto é levado por seu “gênio” (*djinn* جن) inspirador numa viagem de descobertas pela geografia de Abqar, plano de uma existência imaginada vedado ao comum de anjos e humanos, mas franqueado aos seus notáveis: amos ou hierarcas (*arbab* أرباب). No lastro dessa lógica, parecem ser hierarcas da humanidade os poetas, admissíveis na realidade genial, se acompanhados de seu tutor, entidade desde logo não-visível, não-humana e, muito menos, não-angelical, gênio esse que, com a entrada do referencial zoroástrico no mosaico das culturas que compõem os povos árabes, pôde ser do bem ou do mal, culturas das quais faz parte a do poeta autor, nascido e criado em meio familiar árabe cristão.

Eis o motivo do livro *Abqar*: sondagem da sensibilidade poética de um homem e de um gênio, neste caso do bem, num lugar que não é inferno nem paraíso, e tampouco purgatório. Não se trata do mundo da expiação ou da recompensa pelas boas ações na vida terrena, embora se desenhe uma moral que o leitor vê pontilhada, aqui e ali, no espaço do livro. *Abqar*, portanto, não é o mundo dos diabos bíblicos e corânicos como o

árabe Iblis, ou de arcanjos como o Gabriel, mas é o mundo dos demônios da classe de um Saci Pererê ou de um Boitatá, se de Brasil se tratasse.

Dos Cantos

Os Cantos reúnem poemas em quantidades e extensões diversas; no entanto, até onde pudemos verificar, exploram variações internas de um mesmo metro, o *rajaz* (الرجز). Tal metro faz parte da métrica tradicional denominada *arud* (العروض), que ao longo dos séculos pautou a poesia em língua árabe, bem como a escrita nas demais línguas de cultura que se desenvolveram no esteio das sociedades islâmicas ou que foram afetadas pelo prestígio do árabe, como o persa, o turco, o hebraico e os dialetos, ou línguas em estágios tais que evoluíram para outras línguas e que deixaram capital poético, como os medievais andalusino, o romance ibérico meridional e, com alguma hesitação afirmativa, as línguas do lirismo provençal occitânico e galego-português.

O Canto IX

Está composto de três poemas com andamento prosódico, como dissemos, do metro *rajaz*, cujos primeiros dois apresentam o mesmo tipo de combinação de rimas e a mesma quantidade de versos, algo que se observa em muitos poemas de outros Cantos de *Abqar* além desse nono. Os primeiros dois poemas apresentam nove versos monorrimos dados em dois hemistíquios (duas metades), dos quais, conforme reza o sistema métrico, só o segundo hemistíquio leva a rima comum do poema, que a tradução marca com um deslocamento espacial à esquerda da linha. A monorrima da primeira composição é a consoante *ra'* (ر) e a da segunda é a consoante *nun* (ن). Em ambos os poemas a monorrima se apresenta rigorosamente dentro das leis do *arud*, estando aliada a consoante-rima a um entorno vocálico e consonantal perfilado com o metro eleito, o que demonstra adesão total do poeta Chafic a esse tecnicismo tradicional. Embora nossa tradução não contemple a mesma evolução da rima do texto original, ela manteve a quantidade de onze sílabas que espelha o tanto de unidades métricas dos versos em árabe.

O terceiro poema difere dos primeiros em não ter a mesma quantidade de versos, nem a divisão do verso em hemistíquios, nem tampouco a monorrima. O poema é formado por dezoito estrofes, com quantidades variadas de versos que a tradução reproduz de novo sem se ater às diferentes combinações de rima que marcam o texto árabe. Mais no final, que sinalizamos com asteriscos, figura uma espécie de “coda” em duas estrofes, com igual número de versos, mas em distinta combinação deles, arranjo também reproduzido pela tradução.

Abqar diante da Nahda

Tecnicamente, portanto, *Abqar* pode ser considerado um poema aderido à métrica tradicional. Ainda que essa esteja parcialmente modificada, tal parcialidade na inovação revela uma consciência do poeta ainda atrelada à tradição, que tem de lidar, de algum modo, com a matéria métrica. Nisso, Chafic não difere dos demais poetas homens e mulheres aderidos ao movimento chamado Nahda (النهضة), ou renascimento das letras árabes, que iniciara havia quase um século no Egito, a exemplo do que faria, praticamente

à mesma altura, a poeta Názik Almalaika ou seu conterrâneo o iraquiano Badr Chakir al Sayyab, que formulam um conceito de “verso livre” (*al chiir al hurr* الشعر الحر)², não tão livre afinal e também só parcialmente inovador com relação aos princípios da antiga métrica clássica. Algo similar o fazem, pois, tomando outros caminhos, os diaspóricos Chafic e seu irmão Fauzi Maluf, autor da célebre e precursora viagem onírica *No tapete do vento*, cujo belo título, com algum arrojo, poderia ser traduzido por, simplesmente, *No avião*.

Por outro lado, os escritos do poeta e humanista Gibran Kahlil Gibran, sediado em Nova York, insuflam alento modernizador aos temas médio-orientais, inserindo-os em linguagem árabe ocidentalizada, despida da roupagem classicizante, e dão um mote ao revés para a ação dos poetas conterrâneos residentes em São Paulo, que se opõem à Nahda setentrional da América, menos cifrada com relação aos referenciais cultos do idioma³. Munido de paleta lexical elegante, conduzida por construções sintáticas sóbrias, *Abqar* investe nos mitos de base das sociedades abarcadas pelo Islã, que se deixaram obnubilar pelo monocromatismo monoteísta. E nesse sentido o sopro de modernidade em Chafic Maluf é o do furacão.

A revolta das putas

Abqar cutuca as tradições do Deus não com a discussão apologética que há séculos nutre os três monoteísmos um com o outro imbricados, mas com a restituição, via o poético, do que os monoteísmos abraâmicos relegaram ao campo estrito do paganismo, justamente o que, nas origens do profetismo maometano, singularizou a atualização corânica dos mitos bíblicos também correntes na Península Arábica. Deus é questionado pelas prostitutas (*bagaya*, بغايا) por tê-las tirado do inferno e as jogado no intangível *Abqar*. “Revolta no inferno”, segundo poema do Canto IX, deflagra a invisibilização das “moças do prazer” (*banat alhawa*, بنات الهوى), expressa na expulsão delas do inferno (*aljahim* الجحيم) que, havemos de pensar, apesar de ser do além, é um mundo ao menos materializável, pois está farta e repetidamente pintado nos textos bíblicos e corânicos. Além disso, em perspectiva hodierna, as moças serem excluídas do “mundo do fogo” está a sugerir um grau não desprezável de misoginia, dessa vez nas bandas do além.

A chegada do poeta “na mata das huris”, no poema homônimo que inicia o Canto IX, confronta o senso comum das *hur* (الهور), as “belas virgens do Paraíso”, com o paradoxo das belas mas nada virgens “moças da libertinagem” (*banat alfujur* بنات الفجور). *Hur*, termo de significação obscura, emprestado da língua siríaca na qual significa “brancas”, é mantido no poema de Chafic na forma corânica, que é a menção primeva desse termo na literatura árabe, e não na forma *huriyya* (حورية), posteriormente arabizada e já islâmica e que originou em nossa língua o arabismo “huri” cuja melhor definição deve ser “a [bela] que tem olhos grandes e brancos [como o é a baga da uva muito branca]”. Nunca é demais lembrar que o sumo da fruta fresca foi entoadado no célebre “Hino” do Santo Efrém da Síria, morto em 373, dedicado às delícias do Paraíso que se reservam aos homens de fé reta, o que parece ser tema de fundo da Sura 55 do Alcorão. Ao descrever dois pomares paradisíacos (*djannatan*, جنتان), povoados de tamareiras, romãzeiras

² Sleiman, M.; Gonçalves, M. C. “A tradução do verso livre de ‘Cólera’, da poeta iraquiana Názik Almalaika”. In: Cadernos de tradução, v. 41 n. 2, 2021. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e75842>.

³ Ver Sismondini, A. *Arabia Brasileira*. Cotia, Ateliê Editorial, 2017; Habchi, S. *Les Fils d’Orphée du Mont Liban aux Amériques*. Paris, Maisonneuve, 2004.

(versículo 68) e árvores com frutos de toda sorte (v. 52), Deus Misericordioso coloca as intocadas *hur* ao alcance das mãos de homens finalmente merecedores delas por terem demonstrado retidão na vida terrena (v. 46, 54, 62). Seriam prêmio no pomar edênico as uvas brancas “não maculadas por gênio ou humano” (v. 56, 74) ou seriam-no os tais olhos que, por metonímia, tornaram-se, inteiros, as sobrenaturais, femininas e virgens *hur* assim entendidas na tradição islâmica?

Encerrando o Canto IX de Abqar, “Hino das putas” deplora o estatuto das belas da libertinagem, condenadas – nas palavras delas – não por pecado seu, mas de Deus que lhes deu a inclinação ao prazer de paixão e, devido a essa mesma dádiva, jogou-as no mundo inacessível dos gênios. De nossa parte, quisemos nomeá-las com o termo com que hoje mais concretamente nos referimos às moças ou senhoras prostitutas, confiantes em que às belas da paixão Chafic Maluf reserva o lirismo enobrecido, traduzido nos temas floral, báquico e do amor, temas todos caríssimos à tradição poética em língua árabe.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/x7890187>.